

Claudilene de Jesus Silva

**O DIÁLOGO
DO ATO DE LER
E ESCREVER
COM AS ÁREAS
DO CONHECIMENTO:**

algumas proposições metodológicas

São Luís

2018

Claudilene de Jesus Silva

O DIÁLOGO
DO ATO DE LER
E ESCREVER
COM AS ÁREAS
DO CONHECIMENTO:
algumas proposições metodológicas

São Luís

2018

Créditos

Caderno com proposições metodológicas: o ato de ler e escrever como objeto das áreas do conhecimento desenvolvido no Programa de Mestrado Profissional em Gestão de Ensino da Educação Básica da Universidade Federal do Maranhão - UFMA.

Idealizado por:

Mestranda: Claudileude de Jesus Silva

Orientadora: Professora Doutora em Educação Joelma Reis Correia

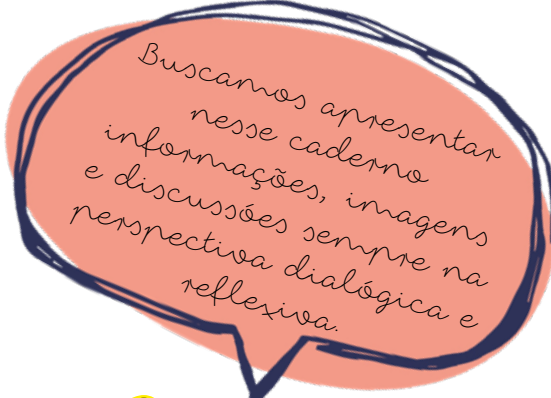
Revisão:

Maria Cicera Nogueira

Capa e Diagramação:

Claudia Nayanne Gaspar Sousa

Gisele Reis Correia Saraiva



Buscamos apresentar
nesse caderno
informações sempre na
perspectiva dialógica e
reflexiva.

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. LER E ESCREVER TEM HORA? Abolindo o clássico momento para ensinar a ler e escrever.....	19
3. PARA QUEM PLANEJAMOS?.....	23
4. HOJE TEM LEITURA E ESCRITA? TEM SIM SENHOR/A!.....	27
4.1 A necessidade de ouvir as crianças.....	32
4.2 Criando nas crianças a necessidade de escrever.....	41
4.3 Ler e escrever nas aulas de Matemática.....	50
4.4 Ler e escrever nas aulas de História.....	55
5.CONCLUSÃO.....	65
REFERÊNCIAS.....	67

Apresentação

Com este caderno temos a intenção de dialogar com os(as) professores(as) alfabetizadores(as), principalmente aqueles(as) que se desafiam a “experimentar as descobertas das crianças”. Para tanto, foi necessário, antes de tudo, aprofundarmos um diálogo anterior com estudiosos(as) da área da linguagem, da leitura e da escrita (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2009; SMOLKA, 2012, JOLIBERT, 1994; CURTO, MORILO, TEIXIDÓ, 2000, entre outros/as) para, então, estendê-lo à esfera escolar, e assim aproximarmos desta discussão nossos(as) maiores interlocutores(as): os(as) professores(as) alfabetizadores(as).

Como sabemos, o ato de ler e escrever envolve duas atividades essenciais para a nossa vida diária, uma vez que estão presentes em todas as esferas da atividade humana. Por esse motivo, a criança precisa aprender estes instrumentos culturais, que, como afirma Luria (2001), têm milhares de anos de cultura, tendo em vista o fim para o qual foram criados, ou seja, estabelecer relações dialógicas entre as pessoas nos diversos campos sociais.

Sendo assim,
a perspectiva a qual nos
propusemos para tecer
as linhas deste Caderno,

cujo foco é o ensino do
ato de ler e escrever
como objeto de ensino nas
áreas do conhecimento,

mediante o processo de
intervenção desenvolvido

em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental, prioriza a interação verbal, fundamentada em uma concepção de linguagem bakhtiniana, cuja realidade fundamental é o seu caráter dialógico.

Contudo, é válido ressaltar que este material não se configura como um “redentor” para a resolução dos problemas encontrados no processo de organização das práticas de ensino das escolas do Ciclo de Alfabetização. Mas, acreditamos que pode se constituir um espaço de reflexão sobre as diferentes situações de leitura e escrita a serem desenvolvidas com as crianças que precisam delas.

Pensar a formação de leitores(as) e produtores(as), é antes de tudo, possibilitar às crianças que se insiram em contextos nos quais as práticas de linguagem possam ser experimentadas nas diferentes esferas da atividade humana, pois, a maneira como

PROFESSOR(A) FIQUE
POR DENTRO!
LER E ESCREVER, UM
COMPROMISSO DE TODA
A ESCOLA

Assista ao vídeo
“Leitura e Resolução
de Problemas” - Carlos
Alberto Faraco e Maria
Tereza Carneiro Soares,
disponível no Portal
Dia a Dia Educação.

lemos e escrevemos é determinada em função da relação que estabelecemos com os distintos espaços por onde circulamos.

Ao nos debruçarmos para produzir este Caderno, trouxemos também para o diálogo as contribuições do escritor Elias José, a partir do seguinte poema:



9

MORADA DO INVENTOR

A professora pedia e a gente levava, achando loucura ou monte de lixo: latas vazias de bebidas, caixas de fósforo, pedaços de papel de embrulho,

fitas, brinquedos quebrados, xícaras sem asa, recortes e bichos, pessoas, luas e estrelas, revistas e jornais lidos, retalhos de tecido, rendas, linhas, penas de aves, cascas de ovo, pedaços de madeira, de ferro ou de plástico.

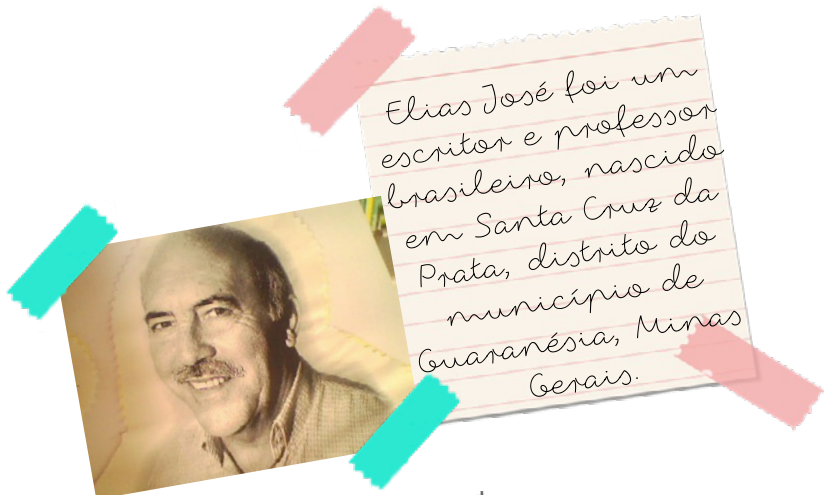
Um dia, a professora deu a partida e transformamos, colamos e colorimos.

E surgiram bonecos esquisitos, bichos de outros planetas, bruxas e coisas malucas que Deus não inventou.

Tudo o que nascia ganhava nome, pais, casa, amigos, parentes e pais. E nasceram histórias de rir ou de arrepiar! ...

E a escola virou morada de inventor!

10



Nas palavras de Elias José, conseguimos perceber o diálogo que se faz necessário para a relação entre professores(as)

e alunos(as), ou seja, é preciso transformar e dar significado a coisas aparentemente sem sentido, pois o que está em jogo é a formação de crianças que possam ler e compreender o que leem, escrever e produzir textos e que sejam autônomas(JOLIBERT; SRAÏKI, 2011, p.13), e assim,

...vão terminar sua escolaridade elementar, sejam todas elas capazes de agir, de reagir ou de fazer agir a partir de qualquer tipo de escrito; Crianças que (por terem sido treinadas dessa forma com frequência, progressiva e explicitamente) sejam todas elas capazes de elaborar e construir seus projetos e sua própria atividade de leitores e produtores de textos.

II

É nesse sentido que as possibilidades a serem apresentadas neste Caderno trazem as sequências didáticas como um possível caminho para articular e dialogar com as situações de leitura e escrita durante o trabalho em sala de aula, com as disciplinas escolares no 3º ano do Ciclo de Alfabetização.

Acreditamos que essa leitura é uma oportunidade para que os(as) professores(as) alfabetizadores(as), possam (re) pensar sobre a necessidade de uma prática com possibilidades que permitam às crianças serem de fato leitoras e produtoras de textos desde o início da escolarização.

Convidamos todos(as) a uma excelente leitura!

Introdução

Este Caderno é o resultado (Produto) de uma pesquisa do Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Gestão do Ensino da Educação Básica - PPGEEB, da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, na Área de Concentração "Ensino na Educação Básica" e Linha de Pesquisa "Ensino e Aprendizagem", intitulada O ENSINO DO ATO DE LER E ESCREVER NO 3º ANO DO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: uma experiência de intervenção em áreas do conhecimento. 13

Consiste em um Caderno com proposições metodológicas desenvolvidas com alunos/as de uma turma do 3º ano do Ciclo de Alfabetização, em uma escola da Rede Pública Municipal de Ensino de São Luís, localizada no bairro do Coroadinho, em que buscamos experimentar o ensino da leitura e da escrita em algumas áreas do conhecimento, por meio do uso de sequências didáticas, organizadas de acordo com as orientações de Zabala(1998)

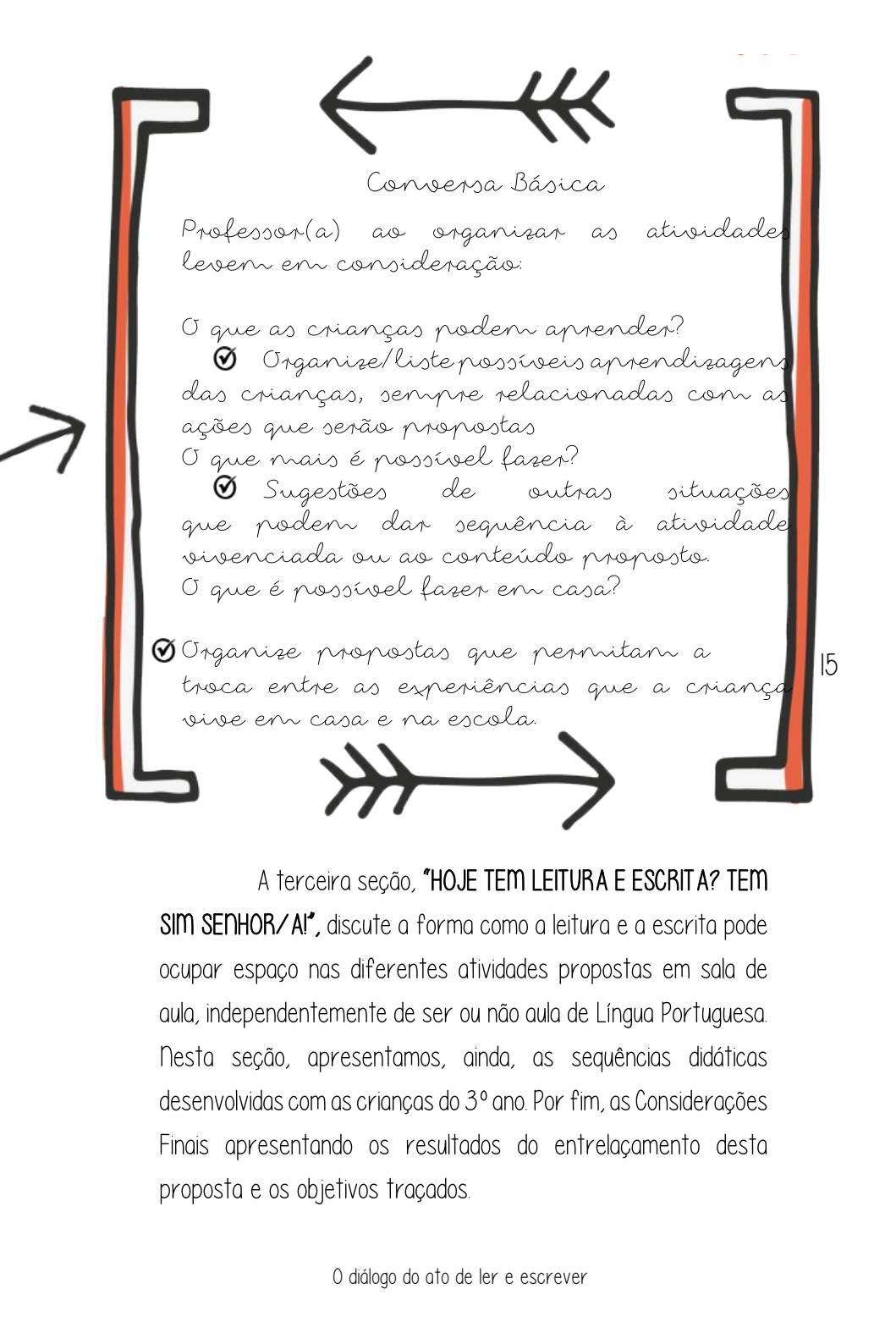
Conjunto De
Atividades
Ordenadas,
Estruturadas E
Articuladas Que
Possui Intervenções
Em Três Fases:
Planejamento,
Aplicação e
Avaliação

e Dolz e Shneuwly (2004).

O conteúdo proposto neste Caderno tem como ponto de referência a linguagem como interação humana, na perspectiva apresentada por Bakhtin/Volochinov (2009).

Assim, este documento se organiza em três seções. A primeira seção, intitulada **“LER E ESCREVER TEM HORA? Abolindo o clássico momento para ensinar a ler e escrever”**, levanta reflexões sobre a necessidade de se repensar sobre o clássico momento para ler e escrever na escola. Na segunda seção, **“PARA QUEM PLANEJAMOS?”**, discutimos que o ato de ler e escrever em sala de aula não pode deixar de considerar o contexto onde os(as) alunos(as) estão inseridos(as), ou seja, acreditamos que tudo deve partir dessa compreensão por parte do(a) professor(a).



A hand-drawn diagram featuring a central rectangular box with a thick black border and a red inner border. Above the box is a large black arrow pointing left, and below it is a large black arrow pointing right. To the left of the box is a black arrow pointing right. The text inside the box is handwritten in black ink. The page number '15' is written on the right side of the box.

Conversa Básica

Professor(a) ao organizar as atividades devem em consideração:

○ que as crianças podem aprender?

☑ Organize/liste possíveis aprendizagens das crianças, sempre relacionadas com as ações que serão propostas

○ que mais é possível fazer?

☑ Sugestões de outras situações que podem dar sequência à atividade vivenciada ou ao conteúdo proposto.

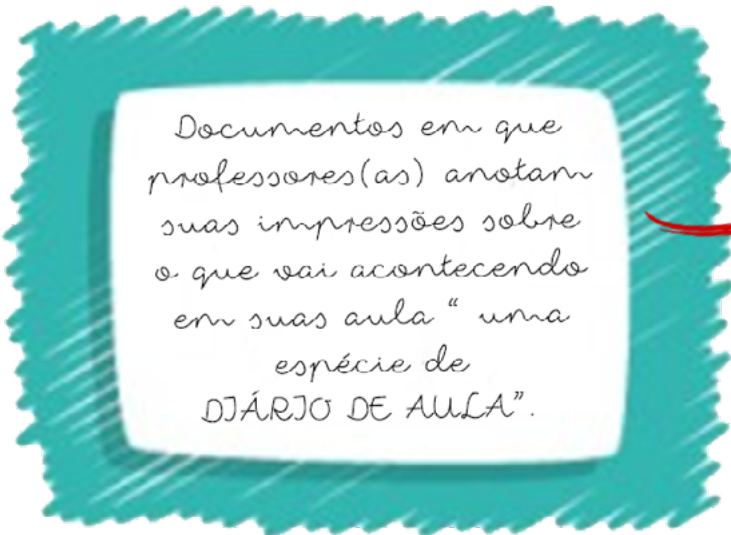
○ que é possível fazer em casa?

☑ Organize propostas que permitam a troca entre as experiências que a criança vive em casa e na escola.

15

A terceira seção, **"HOJE TEM LEITURA E ESCRITA? TEM SIM SENHOR/AI"**, discute a forma como a leitura e a escrita pode ocupar espaço nas diferentes atividades propostas em sala de aula, independentemente de ser ou não aula de Língua Portuguesa. Nesta seção, apresentamos, ainda, as sequências didáticas desenvolvidas com as crianças do 3º ano. Por fim, as Considerações Finais apresentando os resultados do entrelaçamento desta proposta e os objetivos traçados.

Vale ressaltar que, ao apresentarmos as sequências, as organizamos de modo que o(a) professor(a) as reconheça como o seu Caderno de Anotações ou Planejamento, ou seja, nelas



Documentos em que
professores(as) anotam
suas impressões sobre
o que vai acontecendo
em suas aulas "uma
espécie de
DIÁRIO DE AULA".

16

trazemos dicas, notas, registros, sugestões, enfim, a ideia é tornar este espaço interativo. Portanto, o nosso desejo com a socialização deste trabalho está afeto à necessidade de experimentar novas possibilidades de ensino da leitura e da escrita no 3º ano do Ciclo de Alfabetização. Não se trata, jamais, de apresentar um roteiro pronto de atividades a serem desenvolvidas pelo(a) professor(a).

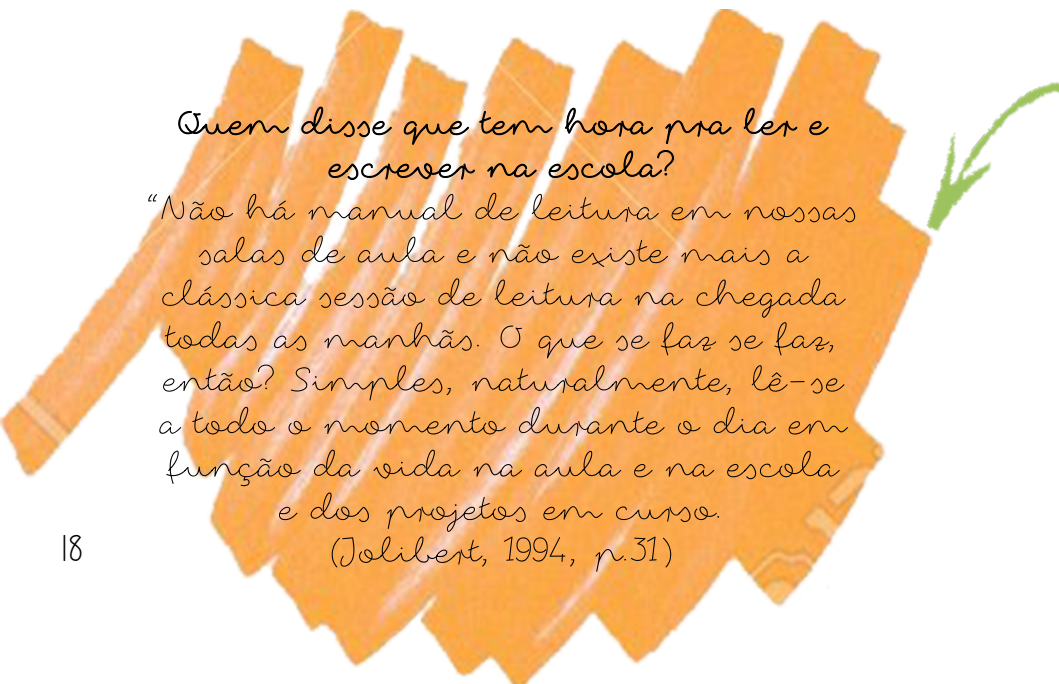
Saiba mais em:
Diários de aula: um
instrumento de pesquisa
e desenvolvimento
profissional
(Zabalza, 2004)



Atividades que ampliam
as possibilidades de
leitura e escrita:

- ✓ Exploração livre de livros
- ✓ Parlendas, trava-línguas,
- ✓ Rodas de leitura
- ✓ Cruzadinhas

Esperamos, então, que as situações aqui descritas possibilitem aos(as) professores(as) um olhar crítico acerca daquilo que se tem proposto em sala de aula, a fim de atender efetivamente os(as) alunos(as) no acesso a leitura e à escrita nas áreas do conhecimento.



Quem disse que tem hora pra ler e
escrever na escola?

“Não há manual de leitura em nossas
salas de aula e não existe mais a
clássica sessão de leitura na chegada
todas as manhãs. O que se faz se faz,
então? Simples, naturalmente, lê-se
a todo o momento durante o dia em
função da vida na aula e na escola
e dos projetos em curso.

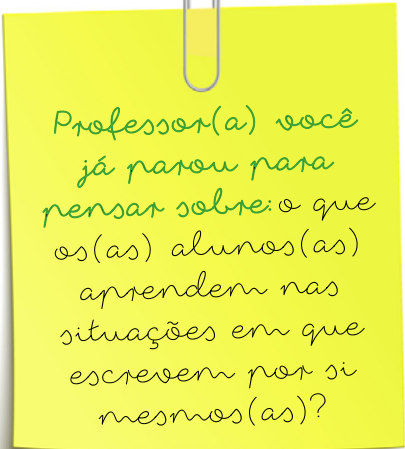
(Jolibert, 1994, p.31)

2 Ler e escrever tem hora? Abolindo o clássico momento para ensinar a ler e escrever

Iniciamos o nosso diálogo nesta seção, convidando o(a) leitor(a) deste texto para refletir sobre o espaço que a leitura e a escrita têm ocupado na escola. Defendemos que ler e escrever não são tarefas escolares que se esgotam em si mesmas, que terminam com a nota bimestral, ao contrário, são atividades sociais, portanto, precisam ser pensadas para sujeitos históricos e sob condições concretas de vida. Tais atividades promovem a formação do sujeito crítico e reflexivo, uma vez que é por meio do desenvolvimento delas que os(as) alunos(as) podem posicionar-se, com autonomia em situações, sejam elas cotidianas ou não.

Nesse processo de ensinar a ler e escrever, a escola precisa compreender que o processo de apropriação das crianças não se volta para o trabalho com o código e com a decifração de palavras, mas para o uso real dessas atividades nas diferentes tarefas do seu cotidiano.

Ler e escrever não se aprende da noite para o dia e, mais ainda, a criança aprende esses atos quando as letras deixam de ter o peso das palavras que querem significar. Nesse caso, o que fazer na sala de aula para formar leitores(as) e produtores(as) de textos? Em que momento se lê e escreve?



Professor(a) você já parou para pensar sobre o que os(as) alunos(as) aprendem nas situações em que escrevem por si mesmos(as)?

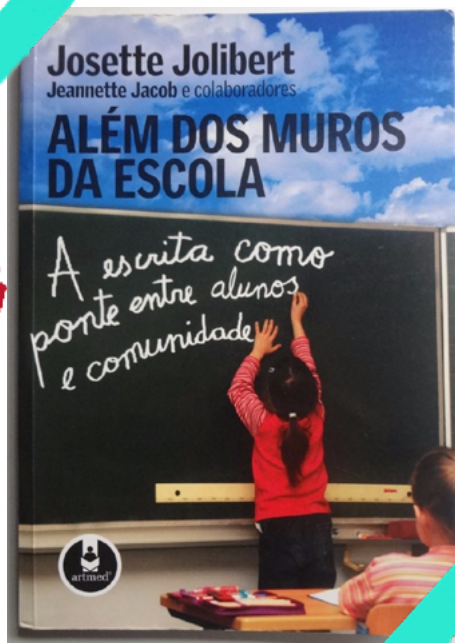
20 Na escola, em geral se lê para escrever. Há uma junção entre as duas atividades em que uma se torna o fim da outra: lê-se um texto para escrever outro texto, no mesmo gênero ou sobre o mesmo tema; lê-se um texto para responder perguntas (sejam elas dos exercícios de sala de aula, sejam elas aquelas destinadas a avaliar a retenção de conhecimentos, nas famosas provas e antigas sabatinas); lê-se um texto, enfim, para cumprir uma ordem.

No entanto, o trabalho pedagógico para formação de leitores(as) e produtores(as) de textos requer que os momentos sejam planejados, pois não se trata apenas de ensinar a ler e escrever, mas de levar o indivíduo a fazer uso da leitura e da escrita, envolvendo-os(as) em práticas sociais das quais dependem



e, também, nas relações com seus grupos sociais, culturais e econômicos.

Reiteramos, assim, a necessidade de ressignificar os atos de ler e escrever numa visão reelaborada, pois o aprendizado deve ser significativo (ter sentido e sabor para o aprendiz), ativo (aprender com suas ações), interativo (o/a aluno/a aprende nas interações) e reflexivo (refletir sobre o que aprendeu, sistematizando), e sobretudo, deve possibilitar o posicionamento recorrente do(a) aluno(a) em relação ao objeto do conhecimento.





Professor(a), privilegie, em seu planejamento, a participação das crianças durante as atividades.

Como isso pode acontecer?

- ✓ Combine com a turma a indicação de livros para leituras diárias
 - ✓ Organize rodas de leitura em que todos possam compartilhar ler a história escolhida
 - ✓ Crie lista em que as crianças possam registrar os textos mais divertidos ou preferidos da turma
 - ✓ Peça as crianças que recontem, oralmente e de forma escrita a história
 - ✓ Estimule o uso do dicionário (palavras novas sempre aparecem)
- E não esqueça de registrar todas as experiências em seu caderno de anotações.



22

Dicas para organizar uma aula

Crie uma aula a partir do interesse dos(as) alunos(as). Sobre que assunto eles gostariam de conhecer? Ex.: Desenvolva uma aula sobre o racismo usando a letra de uma música ou de um poema; relacione um fato recente a um fato histórico ou a geografia de um lugar. Faça de maneira que fique interessante.

Fonte pesquisada: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/pdf/dicas>

3 Para quem planejamos?



Como forma de ampliarmos a discussão, apresentamos esta seção “Para quem planejamos?”, cujas reflexões nascem com a intenção de deixarmos claro que o planejamento que desenvolvemos em sala de aula não pode estar descolado do contexto onde os(as) alunos(as) estão inseridos(as). Todo planejamento deve retratar a prática pedagógica da escola e do(a) professor(a).

23

No entanto, a história da educação brasileira tem demonstrado que o planejamento educacional, em muitos espaços escolares, tem sido uma prática desvinculada da realidade social, marcada por uma ação mecânica, repetitiva e burocrática, contribuindo pouco para mudanças na qualidade da educação escolar.



Por ser uma atividade de natureza prática, conforme afirma Vasconcelos (1995), o planejamento organiza-se em etapas sequenciais: elaborar, executar e avaliar. Estas, por sua vez, não podem compartimentar-se, pois, são dinâmicas e globalizantes

durante o processo de organização do planejamento.

Acreditamos que é por meio da escola, responsável pela transmissão da cultura mais elaborada, que as crianças tem a possibilidade de participar de outras situações que deveriam seguir uma rota contrária ao que já está preestabelecido pela sua condição social e/ou familiar. Daí a necessidade de o(a) professor(a) conhecer as muitas vozes que fazem parte do interior do(a) aluno(a)

com quem
vai conviver
cotidianamente
em sala de aula.

PROFESSOR(A),

Compartilhe as experiências
que tem vivenciado com as
suas crianças. Temos
enorme prazer em
conhecê-las.

Encaminhar para:

claudileude@gmail.com

24

Também convém esclarecer que, embora, as discussões e atividades propostas neste “Caderno” possam ser vivenciadas em outros espaços escolares, elas foram pensadas e planejadas para uma criança real e inserida num ambiente real: as crianças do 3º ano do Ciclo de Alfabetização da escola VEB Professor Rubem Almeida, localizada no bairro do Coroadinho, oriundas de um contexto de exclusão e negação de direitos básicos para a vida em sociedade, principalmente os relacionados à área educacional.

As atividades desenvolvidas com as crianças mencionadas, conforme Borba (2005, p.51), possibilitou “a constituição de suas identidades como crianças e como membros de um grupo social, 🎵🎸 como sujeitos que interagindo com esse mundo, criam formas próprias de compreensão e de ação.

Planejar situações que possam modificar a sala de aula é algo possível. Por isso consideramos que as atividades sugeridas neste “Caderno”, se constitui em diálogos possíveis e necessários para os(as) professores(as) alfabetizadores(as), que estão no chão da escola “promovendo os ajustes necessários, decidindo e escolhendo caminhos para tornar melhor a prática” (MATA, 2015, p.15).



O que o aluno poderá aprender numa aula?

O objetivo de uma aula deve indicar claramente o que é esperado do(a) aluno(a).

Quais mudanças nós esperamos que aconteçam a partir de uma aula?

25

Professor(a), não esqueça que além de planejar é preciso avaliar e registrar o desenvolvimento das crianças ao longo do ano.

Dica(s):

- ✓ Use portfólios
- ✓ Caderno de registros (semanais, mensais Ou bimestrais)

Dicas

- ✔ Dê espaço às propostas em que os(as) alunos(as) sejam os atores principais, evitando aulas expositivas.
- ✔ No planejamento da atividade, devemos agir pensando nas competências que a criança deve desenvolver.
- ✔ Na classe, precisamos atuar como cozinheiros, propondo atividades interessantes e que possam ser executadas com prazer.”
(Antoni Zabala)
- ✔ Que relações poderão ser estabelecidas nas aulas e as diversas áreas do conhecimento?

4 Hoje tem leitura e escrita? Tem sim senhor/a!

27

Quando lemos e escrevemos, participamos da cultura de uma forma especial: nos conectamos um(umas)s com os(as) outros(as) por meio de laços simbólicos, que independem de tempo e espaço.

A leitura e a escrita são atividades dialógicas que ocorrem no meio social por meio do processo histórico da humanização (FREIRE, 1987, p. 11). Na busca para formar leitores(as) e produtores(as) de textos nas áreas do conhecimento, nos propusemos discutir a necessidade de repensar o estabelecido de que na escola há o clássico momento para ler e escrever.

Garantir que as crianças aprendam a ler e escrever precisa se constituir um desafio coletivo. Com vistas a este fim, se

faz necessário pensar o processo de alfabetização das crianças sob a ótica da organização das atividades que são realizadas diariamente em sala de aula como um todo.

Ninguém aprende a gostar de ler e escrever de tanto ouvir sobre como ler e escrever são importantes. As crianças aprendem pela sedução, pelo prazer, pelo convite, pelo exemplo. Ressaltamos, no entanto, que a leitura e a escrita fazem parte do cotidiano da sala de aula, para as crianças e para os(as) professores(as).

28

Esses atos, tão necessários para as atividades diárias que desenvolvemos cotidianamente, não podem ser vistos como uma “lição aborrecida”, mas como atividades integradas ao contexto nas diferentes áreas do conhecimento, como atividades com as quais as crianças podem vivenciar em todos os momentos na rotina da sala de aula.

Saber ler e escrever permite aos(as) alunos(as) possibilidades de ampliarem seus horizontes, portanto, é um desafio que necessita ser assumido coletivamente, pois a escola é o espaço que deve proporcionar ao(à) aluno(a) opções, possibilidades e necessidade de leitura e produção de textos.

Desse modo, para que essas práticas se façam presentes na escola,

O desafio é  formar leitores que saberão escolher o material escrito adequado para buscar a solução de problemas que devem enfrentar e não alunos capazes apenas de oralizar um texto selecionado por outro.  O desafio é conseguir que os alunos cheguem a ser produtores de língua escrita, conscientes da pertinência e da importância de emitir certo tipo de mensagem em determinado tipo de situação social, em vez de se treinar unicamente como copistas que reproduzem - sem um propósito próprio - o escrito por outros, ou como receptores de ditados cuja finalidade - também estranha - se reduz à avaliação por parte do professor.  O desafio é conseguir que a escrita deixe de ser na escola somente um objeto de avaliação, para se constituir realmente num objeto de ensino  chegar a leitores e produtores de textos competentes e autônomos (LERNER, 2002, p. 27-29).

29



Portanto é necessário que ocorram práticas alfabetizadoras nas salas de aula, a fim de que as crianças

Possibilidades de reinventar a leitura e a escrita na escola

Realizar intervenções em diferentes espaços da escola

Criar mural interativo

✓ Biblioteca

✓ Criar Clube de Leitura

✓ Premiar aluno(a) leitor(a)

✓ Escritor(a)

✓ Organizar ciranda de livros

✓ Participar de feiras eventos literários.

30

interajam com a cultura escrita, participando de experiências variadas com a leitura e a escrita, no conhecimento de diferentes tipos e gêneros de material escrito para assim compreenderem a função social que esses atos trazem.

É neste ponto que a escola deveria assumir um papel social que visa à inclusão de todos os(as) seus(suas) alunos(as), ricos(as) ou pobres, brancos(as) ou negros(as), na sociedade e no mundo. Ler e escrever é um direito de todos(as) e é dever da escola possibilitar esse acesso aos(as) seus(suas) alunos(as).

Em consequência, a sala de aula torna-se lugar de pensar, de reflexão compartilhada, de participação e diálogo. Constitui-se em ambiente de aprendizagem, que gera e possibilita múltiplas situações de leitura e escrita, como atividades relevantes e comprometidas por meio de atividades significativas, favorecedoras da compreensão do que está sendo feito por meio do estabelecimento de relações entre a escola e o meio social.

Começemos por dizer que, na caminhada de formar crianças que leiam e escrevam, é preciso um norte para balizar nossas andanças; sugerimos, para isso, encaminhamentos metodológicos diferenciados, em diálogo com as áreas do conhecimento na escola.

31

É preciso criar condições Facilitadoras da aprendizagem

- ✓ Reorganização do espaço da sala de aula.
- ✓ Possibilitar o contato das crianças com múltiplos textos.
- ✓ Ouvir as crianças
- ✓ Trabalho cooperativo em sala

Eis o convite para embarcar nessa aventura e descobrir diversas possibilidades para ler e escrever em diferentes momentos da rotina escolar.

4.1 A necessidade de ouvir as crianças



Links Recomendados

- ▣ Casa Redonda
- ▣ Educar para Crescer
- ▣ Educomunicacion
- ▣ Edudemic
- ▣ Instituto Alana
- ▣ Instituto Claro
- ▣ Instituto Crescer para a Cidadania
- ▣ Instituto Romã
- ▣ Instituto Zero a Seis
- ▣ Instituto C&A

Pelo desejo de apresentar às crianças uma forma de ensinar e aprender com sentido em sala de aula, apontamos como essencial na construção desse trajeto, inicialmente, ouvi-las, deixá-las dizer a sua palavra. Mas, por que ouvir as crianças? Várias justificativas podem ser apresentadas para compreensão do ponto de vista delas acerca de assuntos que lhe digam respeito.

Entre estas, temos a citada por Save the Children¹ (2003) em que está assegurado este direito pela Convenção dos **Direitos da Criança**

Saiba mais em:

Elaborar contrato de convivência na escola



33

Logo, ser ouvido acerca de assuntos que lhe dizem respeito é um direito das crianças (não uma concessão que lhe fazemos). Neste aspecto, será necessário deixar desabrochar e desenvolver em nós a sensibilidade de ouvir e ser ouvido(a), por meio de atividades que possibilitem momentos de interação entre os(as) alunos e o(a) professor(a), haja vista que,

Escutar significa precisar da contribuição do outro. Não basta haver interesse, motivação, convicção de que seja uma boa técnica para envolver as crianças; é preciso sentir sincera e urgentemente essa necessidade. É necessário precisar das crianças, reconhecer que são capazes de dar opiniões, ideias e de fazer propostas úteis para nós adultos, capazes de nos ajudar a resolver problemas (TONUCCI, 2005, p. 18).

34 O(a) professor(a) precisa estar mais perto das crianças e, como ouvinte, perceber o desenvolvimento de cada uma, garantindo-lhe a apropriação da sua fala, valorizando e despertando suas necessidades e desejos. Ou seja, se colocar no lugar das crianças contribui para seu desenvolvimento.

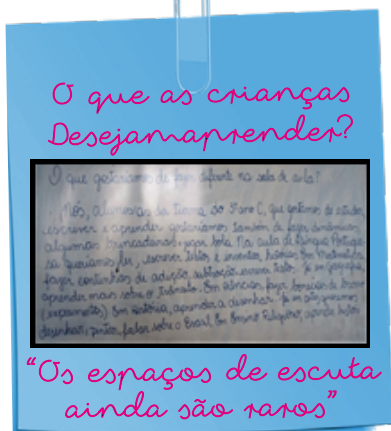
Assim sendo, nesta subseção, procuramos garantir a sistematização dos saberes/dizeres das crianças e a participação efetiva delas nas atividades, por meio do desenvolvimento de uma sequência didática organizada em quatro momentos, contemplando aspectos com: situações comunicativas em que as crianças possam se expressar; organização do espaço para atender às necessidades e variedades da proposta; sala de aula como espaço evolutivo, que lhes permita liberdade de movimentos; uso das paredes como espaços funcionais a serviço da expressão e das aprendizagens (JOLIBERT; JACOB; 2006).

Pensando que este pode ser um caminho que possibilita a participação das crianças nas diferentes situações da rotina escolar, nós construímos seguinte uma sequência didática:

Objetivos

- ✓ Expor sua opinião sobre a escola, a organização da sala de aula e suas disciplinas preferidas.
- ✓ Identificar sua disciplina preferida, a partir da utilização de um gráfico.
- ✓ Produzir texto coletivo, sintetizando seu posicionamento sobre sua escola, o espaço da sala de aula e as disciplinas de sua preferência.
- ✓ Conhecer a função Livro da Vida para o espaço da sala de aula.

35



Procedimentos

1º momento: Conhecendo e ouvindo as crianças

✓ Roda de conversa sobre o trabalho a ser desenvolvido e seu objetivo e, após, confecção de um crachá produzido e ilustrado pelos(as) alunos(as) com o seu nome para apresentação.

Livro: A Roda e o Registro

*“A roda é um espaço privilegiado de troca, de desenvolvimento da capacidade de argumentação, de negociação de sentidos, competência fundamental na sociedade contemporânea”
(Cecília Warschauer, 1993).*

Dicas de leitura

✓ *Estudos da Infância*

Manuel Jactinto Sarmiento, Maria Cristina S. de Gouvêa (Ed. Vozes)

✓ *Linguagens e Culturas Infantis*

Adriana Friedmann (Ed. Cortez)

✓ *“A arte de ouvir” e “Escutatória”*
textos de Rubem Alves.

2º momento: Apresentação do vídeo

"A escola da Emilia do Sítio do Pica-pau Amarelo" (<https://www.youtube.com/watch?v=bFjxi7ii8lY>), com o objetivo de possibilitar às crianças uma percepção da escola como um espaço que lhes proporciona diferentes experiências.



Organização da turma em 5 grupos, constituídos por seis crianças, para o diálogo sobre os seguintes questionamentos: Do que mais gostam na sala de aula e do que menos gostam? Como vocês gostariam que fosse essa sala? Que outro(s) espaço(s) da escola gostariam de frequentar? Por quê? Quais as disciplinas que vocês gostariam de aprender?

37

Por que precisamos ouvir as crianças?

Elas têm muito a nos dizer e a nos ensinar. Seus desejos, questionamentos, curiosidades e sonhos compõem um conhecimento que os adultos pouco dominam. Escutar uma criança significa reconhecê-la como ser autônomo, capaz de falar por si e sobre si. (Jolibert; Jacob, 2006)

Saiba mais em...

- ✓ O Projeto "A Cidade das Crianças"
- ✓ "Convenção sobre os Direitos da Criança"
- ✓ <http://territoriodelbrincar.com.br/producoes-culturais/>



3º Momento: conversando sobre as disciplinas escolares da sala

A História das disciplinas escolares constitui um campo de investigação configurado a partir dos anos de 1970:

- ✓ Cultura escolar
- ✓ História cultural
- ✓ Estudo dos currículos
- ✓ Nova sociologia do currículo

Para saber mais leia:

38 Outras possibilidades

- ✓ Organizar situações onde as crianças levantem em outras turmas as preferências dos(as) alunos(a)
- ✓ Realizar uma mostra cultural contando a história das disciplinas escolares

- ✓ Apresentação de um gráfico com os nomes das disciplinas para que os(as) alunos(as) identifiquem as suas preferências.

- ✓ Roda de conversa sobre as disciplinas com as quais se identificam.

4º Momento: Para Finalizar:

O Livro Da Vida

Como descobrimos
O livro da vida?

O Livro da Vida foi um
achado para a nossa
prática pedagógica.

O conhecemos por meio
da leitura do livro

39



Freinet, Célestin.
As técnicas
Freinet
da escola
moderna. 2.ed.
São Paulo:
Estampa, 1975.



- ✓ Apresentação do objetivo do Livro da Vida e, após, registro dos sonhos, das curiosidades e dúvidas desse primeiro dia de encontro.



Outras possibilidades com o Livro da vida:

✓ Cria condições para diferentes comunicações orais que possam ser realizadas a partir das vivências no dia a dia dentro e fora da escola

✓ Registro das palavras que têm sentido em sua vida (Palavras Que Desejam Manter Acordadas E Palavras Que Desejam Deixar Adormecidas)

✓ Ouvir a história de vida das crianças

✓ Oportunizar as crianças o acesso ao uso de bons textos

Com a realização desta sequência observamos que as crianças revelam no seu dia a dia várias formas de comunicação, na sua condição de ser entendida no contexto educativo. Isso demonstra que é importante o(a) professor(a) ter uma escuta sensível, compreendendo o universo da criança, a partir não só da sua linguagem falada, mas também de ações que estas expressam diariamente na escola.

Deixamos em destaque, que o desenvolvimento desta sequência didática nos deu pistas para outras formas de trabalho em sala de aula, bem como para a necessidade de darmos voz às crianças, a fim de que elas pudessem fazer uso da palavra viva.

Nesse sentido, buscamos estabelecer condições para que não fossem apenas expectadoras, mas também se tornassem parceiras neste trabalho, e que seus saberes, anseios e perspectivas fossem ouvidos e valorizados em todo o percurso da pesquisa.

4.2 Criando nas crianças a necessidade de escrever

41

São muitas as oportunidades de escrever.

- ✓ Organização de lista de presença
- ✓ Escrita da rotina de estudos
- ✓ Responsabilidades semanais
- ✓ Registro de observações
- ✓ Realização de pesquisas

Ler e escrever são palavras familiares para todos(as) os(as) professores(as), palavras que marcam uma função da

escolaridade obrigatória, entretanto, redefinir o sentido dessa função e explicar o significado que se pode atribuir a essas práticas, tão arraigadas na escola, é uma tarefa incontestável. Para criar nas crianças, a necessidade de ler e escrever, é preciso afastá-las de atividades em que estes atos sejam sinônimos de trabalho enfadonho, bloqueio e fracasso(JOLIBERT, 1994, p.16). Por isso, o desafio do processo da alfabetização é o de não se centrar



Dê ideias sobre como as crianças poderão registrar as novas aprendizagens em todos os momentos das aulas: folder, panfleto, jornal, cartas, uma digital (vídeo, áudio, blog, página web, jornal digital, imagens, bilhetes, cartas, entre outros.

42 no ensino das letras, num ponto de vista redutor de alfabetização.

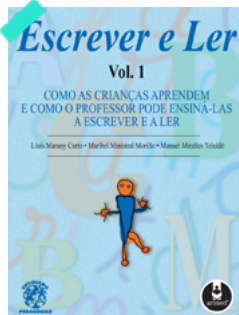
Ao contrário, é necessário construirmos as bases para que as crianças possam participar criticamente de situações de leitura e escrita, convivendo com a organização desses discursos e experimentando diferentes formas e modos de estruturação deles.

As crianças devem ser encorajadas a experimentar a leitura e a escrita, atendendo às finalidades a que elas se propõem: "comunicar-se, para expressar ideias, opiniões, sentimentos

e para ter acesso ao que os demais seres humanos, ao longo do espaço e do tempo, viveram, pensaram e sentiram”

(CURTO; MORILLO; TEIXIDÓ, 2000, p.69).

*Dica de
Leitura*



Para tanto, precisamos superar as técnicas que enfatizam a repetição, a aprendizagem mecânica e fragmentada, recorrendo àquela que coloca diversas questões de ordem conceitual, focalizada num processo de troca de informações pelas crianças por meio de situações que têm como ponto de partida e de chegada o uso da linguagem e a participação delas nas diversas práticas sociais de leitura e escrita.

43

Nessa perspectiva, esta subseção aborda a importância de nos apropriarmos dos atos de ler e escrever e de mecanismos

Ler e Escrever

- ✓ Objeto específico de todas as atividades escolares.
- ✓ Um desafio para todos da escola.
- ✓ Compromisso do (a) professor(a) alfabetizador (a) em todas as disciplinas.

que podem consolidar a constituição desses atos. Para esse fim, precisamos focar na necessidade que o(a) aluno(a) tem de conviver com possibilidades de acesso às práticas de leitura e da escrita, pois apropriar-se desses atos é, antes de tudo, ler o mundo, rodeado de textos reais; é transmitir ideias, pensamentos, registrar acontecimentos.

Como afirma Goulart (2010, p.60-75),

Já nascemos banhados em linguagem, em palavras, em discursos: antes de nascer, pessoas falavam conosco e sobre nós e, depois que nascemos, esta atividade continua - neste movimento, vamos aprendendo a falar e depois, a escrever. São as práticas discursivas orais que tornam o texto escrito significativo para as crianças, estas práticas estão na origem das relações entre as crianças e o texto (GOULART, 2010, p.60-75).

44

Por isso, quando possibilitamos às crianças ler e escrever em condições reais, é possível inseri-las em situações de aprendizagem que lhes provoquem a necessidade de refletir, transformando informações em conhecimento próprio e enfrentando desafios. Segundo Sass (2015, p.109), ao utilizarem textos reais, como listas, poemas, bilhetes, receitas, contos, piadas e outros, as crianças podem aprender muito mais sobre esses atos.

Por outro lado, o processo de ensino e de aprendizagem constitui-se um diálogo que se estabelece entre a criança e as possibilidades que damos à elas de acesso a cultura letrada. Em vista disso, ela não se apropriará da leitura e da escrita somente porque pais e professores(as) desejam, ou porque os(as) professores(as) dão tarefas de reprodução repetitiva de grafar as letras e de oralizá-las, mas quando estas fizerem sentido para elas, quando conviverem com esses atos de forma dialógica e dinâmica.

Então, no sentido de criar nas crianças essa necessidade, elaboramos a sequência didática a seguir, com situações em que os atos de ler e escrever propostos a elas tivessem espaços para se estabelecerem como possibilidades reais de aprendizagens.

45



Objetivos

- ✓ Socializar palavras observadas em diferentes momentos do caminho de casa para a escola.
- ✓ Produzir texto, partindo do diálogo realizado sobre um livro de literatura.

Vivências com a Literatura Infantil nos Diferentes Momentos da Sala

O ensino associado ao trabalho com a literatura infantil vem se oferecendo como uma possibilidade expressiva no processo de ensino-aprendizagem no Ciclo de Alfabetização. Ao ouvir as histórias infantis nas aulas diferentes tipos de registros as crianças poderão vivenciar.

“(…) a Literatura Infantil pode ser considerada expressão de conteúdo, estratégia e ao mesmo tempo recurso didático, fatores que permitem apresentar às crianças elaborações humanas significativas e assim contribuir decisivamente para ampliar o universo de conhecimento das crianças.” (CHAVES, 2011)

- ✓ Construir coletivamente um **acróstico**, usando a palavra pirata.

Acróstico é uma composição literária normalmente poética em que as letras iniciais, do meio ou do fim formam palavras.



- ✓ Ler e expor textos e ilustrações produzidas em sala sobre os piratas.

Procedimentos

47

1º Momento

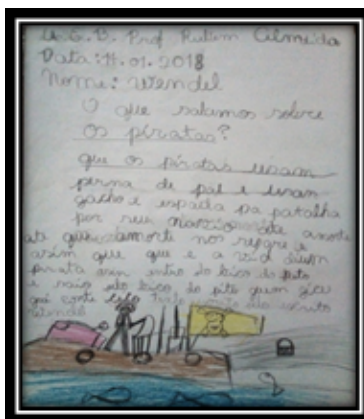
Roda de conversa sobre a proposta a ser trabalhada e convite às crianças para que confeccionem um **barco de dobradura** e escrevam **palavras diversas**



O diálogo do ato de ler e escrever

2º Momento

- ✓ Vocalização do texto “Pirata de Palavras”, da autora Jussara Braga, e, em seguida, criar espaços para que as crianças se manifestem sobre a história.
- ✓ Caracterização dos(as) alunos(as) para que se transformem em piratas leitores(as): retirando do barco confeccionado as palavras compartilhadas e realizando a leitura para a turma.
- ✓ Exposição da palavra pirata no quadro para formação de acróstico, seguido de registro no caderno ou chamex.
- ✓ Produção escrita de um texto sobre o pirata, com base nas das informações constantes no texto “O que sabemos sobre os piratas?”



- ✓ Socialização dos textos produzidos.

Sugestão de vídeo
Sobre o tema
Professor(a) organize
uma sessão pipoca...

Filme
"Piratas pirados"



Sempre com papel e caneta azul nas mãos, Heitor está pronto para copiar as palavras que encontra pela frente, imaginando que, ao reuni-las, poderá criar uma grande aventura. Um dia, porém, ele descobre que não é só de palavras que se faz uma história, mas também de imaginação, sonho e fantasia. E é com essa descoberta que o pirata de palavras torna-se pirata de aventuras.

49

3º Momento:

- ✓ Desenho feito pelas crianças do seu próprio pirata, listando ao lado as características dele.
- ✓ Exposição das atividades no mural varal.

O uso desta sequência cria várias possibilidades de trabalho com a leitura e a escrita em sala de aula. Como anuncia Freire (2009, p. 29), há uma necessidade urgente de usar o mundo real como plataforma de ensino, fazendo da sala de aula um grande laboratório de realidades, trabalhando com textos utilizados no mundo real, com cuidado extremo na escolha.

4.3 *Ler e escrever nas aulas de Matemática*

50

O grande desafio no processo de ensinar as crianças a ler e escrever na disciplina Matemática é o de ampliar as possibilidades de aprendizagem por meio de diferentes situações que estejam relacionadas com o cotidiano. Pois, dominar a linguagem matemática é de fundamental importância para que o(a) aluno(a) possa descobrir sentido em estudá-la. Não podemos, portanto, ter uma concepção de leitura e escrita nessa disciplina, estabelecida a partir das atividades oferecidas apenas pelos livros didáticos, com foco na memorização da tabuada e em fórmulas prontas.

No que concerne especificamente à relação da apropriação da leitura e da escrita por meio dessa disciplina, consideramos oportuno apresentar às crianças um contato mais

próximo com esses atos. Nesse sentido, a sequência didática a seguir aponta possibilidades para trabalhar a leitura e a escrita com as crianças em diferentes momentos das aulas de Matemática.

Objetivos

- ✓ Conhecer curiosidades do mundo da Matemática.
Expor ideias sobre conhecimentos da Matemática.

Produzir coletivamente um texto sobre o que gostaria de aprender nas aulas de Matemática.
Reconhecer o uso da Matemática em diferentes momentos do nosso dia a dia.

- ✓ Participar de situações de leitura e escrita, envolvendo problemas matemáticos.

51

Sugestão de livros

De literatura infantil

Apostando com o monstro

A princesa está chegando

Poemas problemas

Livro dos números, bichos e flores

O tempo

Um amor de confusão

de Dulce Rangel

O coelho teimoso de Elza Salut

- ✓ Produzir texto escrito sobre os seus conhecimentos acerca da Matemática.

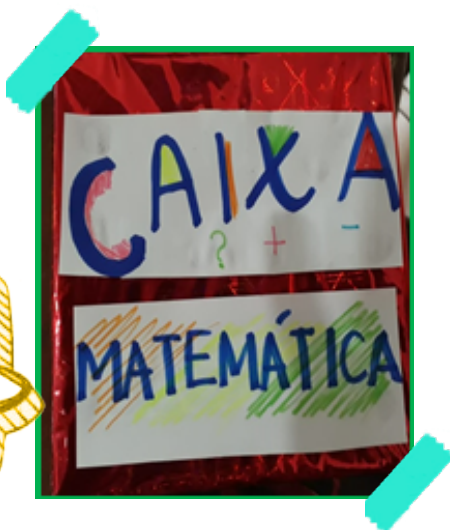
Procedimentos

1º Momento: Conversando sobre a Matemática

- ✓ Apresentação da proposta sobre a disciplina Matemática.
- ✓ Roda de conversa para explicação e apresentação da Caixa Matemática com curiosidades, poemas e problemas matemáticos.

52

Material de incentivo para trabalhar a matemática.



- ✓ Leitura das curiosidades, poemas e problemas matemáticos retirados da Caixa Matemática.

Outras possibilidades:

- ✓ Criação de uma Problemoteca - coleção organizada de problemas colocados em uma caixa ou fichário, com fichas numeradas que contém um problema e que podem trazer respostas no seu verso.
- ✓ Organizar exposições sobre a História da Matemática
- ✓ Uso dos jogos matemáticos

53

- ✓ Lançamento dos seguintes questionamentos às crianças: Vocês já pararam para pensar como seria o mundo hoje sem o uso da Matemática?

- ✓ O que sabem dessa palavra? Sistematização no quadro das primeiras impressões.

2º Momento: Produção de Texto

- ✓ Produção de um texto respondendo as seguintes perguntas: Você gosta da disciplina Matemática? O que você já aprendeu nessa disciplina? Como você gostaria de aprender a Matemática na escola?
- ✓ Socialização dos textos produzidos pelas crianças;

3º Momento: Produção Coletiva

✓ Convite à turma para elaboração do cartaz coletivo
"Queremos aprender nas aulas de Matemática..."

✓ Avaliação da atividade.

Temos clareza de que as sugestões propostas nesta sequência se constituem apenas em uma abertura para outras possibilidades de (re)organizar o trabalho pedagógico em sala de aula mediante os desejos e necessidades das crianças com a referida disciplina.

54



Saiba mais em:

Klüsener, Renita. Ler, escrever e compreender a matemática, ao invés de tropeçar nos símbolos.

In: NEVES, Jara Conceição Bitencourt et al (Org.). Ler e escrever: compromisso de todas as áreas. Porto Alegre: Ed. Universidade/ ufrgs, 2001

De acordo com Smole (2001), se os(as) alunos(as) forem encorajados(as) a se comunicarem matematicamente com seus(suas) colegas, com o(a) professor(a) ou com os pais, eles(as) têm oportunidade para explorar, organizar e conectar seus pensamentos, novos conhecimentos e diferentes pontos de vista sobre um mesmo assunto, demonstrando que, para saber ler e escrever ou aprender os números, é imprescindível saber fazer uso da linguagem matemática, saber interpretar os diferentes textos, nas mais diferentes situações do cotidiano.

Dessa forma, acreditamos ser necessário pensar a Matemática na escola como um processo que possibilita a formação de conceitos, pois não existe uma receita pronta e acabada que possa ser seguida para enfrentar os desafios de ensiná-la.

55

4.4 *Ler e escrever nas aulas de história*

*A história pode está
voltada à:*

*Contar algo
Processo social
Acontecimentos
Lembrar o passado*

O diálogo do ato de ler e escrever

"A História, enquanto disciplina escolar, possui uma longa história, permeada de conflitos e controvérsias na elaboração de seus conceitos e métodos".(BITTENCOURT, 2009)

Sabemos que a disciplina História contribui significativamente para a formação do(a) aluno(a), porém essa formação poderá ser melhor trabalhada se o conhecimento dela resultante for materializado para além dos muros da escola, articulando o conhecimento historicamente elaborado ao contexto vivenciado pelo(a) discente.

Essa disciplina, embora se redefine constantemente, mantém sua especificidade no processo de constituição de saberes ou de determinado conhecimento escolar, porém, é essencial identificarmos qual conhecimento histórico a escola produz. No processo de intervenção desta pesquisa, percebemos que a História ainda é trabalhada por meio da memorização de fatos históricos, datas comemorativas, sem diálogo e com um enfoque meramente disciplinar



A intervenção pedagógica é uma interferência que um profissional, tanto o educador quanto o psicopedagogo, faz sobre o processo de desenvolvimento ou aprendizagem do sujeito, o qual no momento apresenta problemas de aprendizagem.

Entretanto, sabemos que o ensino de História precisa superar a mera transmissão de informações. É necessário formar, ampliar e possibilitar o(a) aluno(a) desenvolver reflexões, opiniões, senso crítico, senso coletivo e participativo, de modo a compreender as transformações ocorridas ao longo do tempo na sociedade.

Para ler e escrever em história o(a) professor(a) deve apresentar ao(a) aluno(a):

- ☑ A leitura crítica de fontes históricas
 - ☑ Gêneros privilegiados
 - ☑ Texto literário
 - ☑ Leitura de imagem
 - ☑ Texto jornalístico
 - ☑ Relatos

57

Nesse sentido, podemos nos questionar sobre o que é, afinal, História e como esta disciplina pode permitir que as crianças leiam e escrevam nas diferentes propostas em sala de aula. Segundo Seffner (2006), o significado da História está intimamente atrelado à memória. Assim, o ensino desta disciplina precisa ser constituído, de modo a criar um pensamento historicizante, para que o indivíduo seja capaz de lidar com informações históricas apresentadas em diferentes documentos, textos, gráficos, nas imagens e nos demais suportes.

A sala de aula é um espaço privilegiado onde se dá o encontro entre a criança, a leitura e a escrita

Quem se propõe ensinar História não pode se limitar a um enfoque meramente disciplinar e focado no ato de decorar nomes e datas comemorativas, pois, estudar o passado significa fazer referência às múltiplas experiências dos seres humanos no tempo, que são, antes de tudo, permeadas por um conjunto de conhecimentos e aspectos que não podem ser reduzidos a um recorte disciplinar.

É preciso, ainda, possibilitar aos(as) alunos(as)

Compreender quem somos, para onde vamos, o que fazemos, mesmo que muitas vezes pessoalmente não nos identifiquemos com o que esse mesmo bem evoca, ou até não apreciemos sua forma arquitetônica ou seu valor histórico. (...), pois é revelador e referencial para a construção de nossa identidade histórico-cultural (ORIÁ, 2006, p. 134).

58

Ter esse entendimento contribui para o processo de alfabetização histórica das crianças, à medida que lhes é possibilitado raciocinar sobre a história, pensar sobre o passado, compreender o presente e projetar o futuro. Desse modo, nos propusemos, por meio da sequência didática a seguir, apresentar às crianças uma forma de vivenciar o ensino de História com propostas que se distanciam da forma como elas têm aprendido ao longo da sua vida escolar.

Objetivos

- ✓ Posicionar-se sobre a temática "Diversidade" e suas implicações para a construção da história do nosso país.

OUTRAS POSSIBILIDADES DE TRABALHO

- ✓ CONSTRUÇÃO DE LINHA DO TEMPO DA HISTÓRIA DE VIDA DAS CRIANÇAS
- ✓ USO DE NOTÍCIAS DE JORNAIS
- ✓ DEPOIMENTOS
- ✓ EXIBIÇÃO DE FILMES
- ✓ OBSERVAÇÃO E DESCRIÇÃO DE FOTOS

59

- ✓ Produzir texto coletivo situando seus conhecimentos sobre a temática diversidade.
- ✓ Compreender o processo de formação do povo brasileiro.

Professor(a), como contar essa história para as crianças?

- ✓ Participar de situações de leitura e escrita relacionadas à temática.

Procedimentos

1º Momento:

- ✓ Roda de conversa sobre a temática “Ninguém é igual a ninguém” e as atividades que serão vivenciadas durante o seu desenvolvimento.

2º Momento:

- ✓ Questionamento às crianças: Por que ninguém é igual a ninguém? O que pode nos diferenciar das outras pessoas? E na sala de aula, onde percebemos as diferenças e as semelhanças existentes entre nós?

- ✓ Organizar desfile da diversidade
- ✓ Rodas de conversa sobre a temática
- ✓ Exposição de trabalhos realizados
- ✓ Construção de panfletos educativos
- ✓ Coleta e escuta de sugestões de atividades sobre a temática
- ✓ Confeccionar gibis, jornais e propagandas que tratem da questão da diversidade
- ✓ Realização de pesquisas, entrevistas,
- ✓ Confeção e apresentação de murais,
 - ✓ Exposição de trabalhos artísticos (ilustrações, dobraduras, mosaicos, etc)

3º Momento:

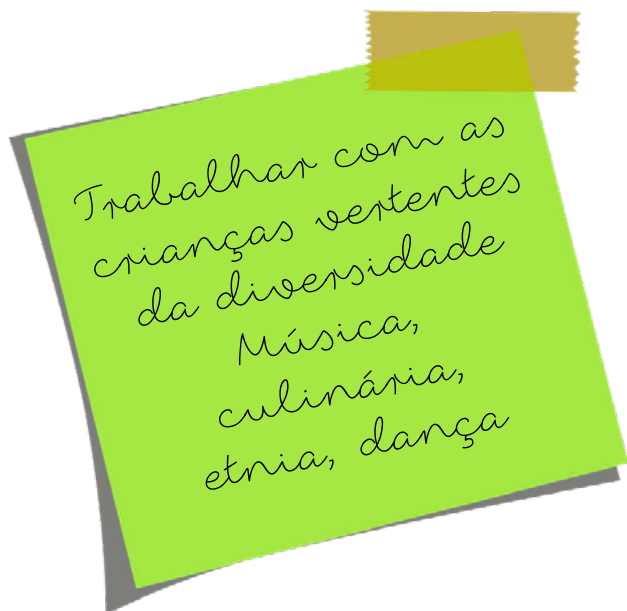
- ✓ Leitura coletiva do livro "Diversidade" e, em seguida, propor uma tempestade de ideias sobre o que as crianças sabem dessa palavra, registrando suas falas no quadro.

Dicas de
Filme
Kiriku e a
feiticeira



✓ Construção coletiva de um conceito para a palavra "Diversidade".

✓ Apresentação de imagens que retratam a diversidade encontrada no Brasil e como ela possibilitou a formação do nosso povo.



✓ Preenchimento de uma ficha com informações pessoais sobre os colegas para que percebam as diferenças existentes entre cada um/a.

4º Momento:

- ✓ Criação do retrato do(a) meu(minha) amigo(a) da sala, registrando as características que ele(a) possui.



- ✓ Socialização das produções e exposição no mural

A elaboração desta sequência se constituiu uma oportunidade para dialogar com as crianças sobre algumas situações de preconceito e intolerância entre elas na sala de aula. Com esta proposta, as crianças tiveram ainda a possibilidade de registrarem o seu conhecimento inicial sobre o que iríamos vivenciar.

Todavia, vale ressaltar que o desenvolvimento desta sequência não esgota outras possibilidades de ensino da História às crianças, mas se apresenta como uma sugestão para (re)organizar o trabalho para além desta disciplina.

Professor(a),

✓ O ensino de história não pode se limitar a um enfoque meramente disciplinar com foco nas datas comemorativas.

✓ É preciso possibilitar o desenvolvimento da consciência histórica das crianças.

Contudo, compreendemos que o desafio de formar leitores(as) e produtores(as) de textos em História, numa perspectiva enunciativa, precisa ultrapassar as formas trabalhadas atualmente no contexto escolar, possibilitando aos(as) alunos(as) “a utilização de diferentes fontes e tipos de documento (escritos, iconográficos, materiais, imateriais) capazes de facilitar a compreensão da relação tempo e espaço e das relações sociais que os geraram” (BNCC, 2017, p. 348), objetivando serem estimulados ao desenvolvimento da capacidade argumentativo-reflexiva, apropriando-se das discussões, dos conceitos históricos, propondo e defendendo suas colocações, assumindo assim uma ação interativa.

5 Conclusão

Lendo e relendo as discussões que nos propusemos até aqui, ainda é possível encontrar espaços para o início de novas discussões. Talvez não consigamos registrar, por meio desta escrita, as diferentes formas de expressões que sentimos ao elaborarmos este “Caderno”. Afinal, esta conversa não se finda!

O nosso desejo, mais do que publicar este material, é aproximar os(as) professores(as) que estão no Ciclo de Alfabetização das discussões necessárias para o ensino da leitura e da escrita. E, mais do que isso, fazê-los compreender a necessidade de se ensinar a ler e escrever em todos os momentos da rotina escolar.

65

Ao iniciarmos as primeiras linhas deste material intitulado **“O DIÁLOGO DO ATO DE LER E ESCREVER COM AS ÁREAS DO CONHECIMENTO: algumas proposições metodológicas”**, nos questionávamos: Como se forma um(a) leitor(a) e produtor(a) de textos nas áreas do conhecimento? Buscamos responder este questionamento na medida em que tentamos compreender como a criança pode participar ativamente dos diferentes momentos da rotina em sala de aula.

Acreditamos que as seções aqui apresentadas são possibilidades de (re)pensar a forma como o trabalho na escola tem sido organizado, experimentando situações que provoquem a desconstrução de modelos de ensino que têm se perpetuado na escola de forma esvaziada e comprimidos em pacotes de ensino prontos.

Diante do exposto, planejamos situações de leitura e escrita por meio do uso de sequências didáticas com foco nas disciplinas de Língua Portuguesa, História e Matemática, de modo a permitir às crianças vivenciarem atividades comunicativas tendo o contato com a palavra viva.

66 Para encerrar (e porque não, continuar!) as discussões aqui apresentadas esperamos que as sugestões possam contribuir no processo de formação de crianças leitoras e produtoras de textos, independentemente da área de conhecimento. Se necessário, podem ser transformadas, reformuladas e adaptadas, de acordo com o contexto em que serão utilizadas, lembrando sempre que as crianças devem ser as protagonistas desse processo.

Referências

BAKHTIN, M. (Volochnikov) **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, (1995 & 2009

_____, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BITTENCOUR, Circe Maria Fernandes. **Ensino e História: fundamentos e métodos**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular - BNCC 3ª versão**. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 13 de JULHO de 2018

67

BORBA, Ângela Meyer. **Culturas da infância nos espaços-tempos do brincar**: um estudo com crianças de 4-6 anos em instituição pública de educação infantil. Tese (Doutorado). Niterói: Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 2005.

CURTO, Luís Maruny; MORILLO, Maribel Ministrál; TEIXIDÓ, Manuel Miralles. **Escrever e ler**: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e ler. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola.**  Tradução e organização: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro  Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

FREIRE, Madalena et al. **Avaliação e planejamento:** a prática educativa em questão. Instrumentos Pedagógicos II. São Paulo: s.e., 1997, p.54-58.

68 FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam.** 50ª ed., São Paulo: Cortez, 2009.

GUEDES, P. C. **Ler e escrever:** compromisso de todas as áreas. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1999.

GOULART, Cecília M. A. SOUZA. **Oralidade e escrita.** Educação (São Paulo), v. 1, p. 60-75, 2010

JOLIBERT, Josette; SRAÏKI, Cristine. **Caminhos para aprender a ler e escrever**. 2º ed. - São Paulo: Contexto, 2011.

_____, Josette. **Formando Crianças Leitoras**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994a.

_____, Josette; JACOB, Jannette. **Além dos muros da escola: a escrita como ponte entre alunos e comunidade**. Trad. Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola: O real o Possível e o Necessário**. Porto Alegre, RS: Art. Méd., 2002.

VYGOTSKY, L.S.; LÚRIA, A.R.; LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 9 ed. São Paulo: Editora Ícone, 2001.

MATA, Adriana Santos da. As crianças. Quem são as crianças? In: GOULART, Cecília M. A. SOUZA, Marta Lima. (Orgs.). **Como alfabetizar?** Na roda com professores dos anos iniciais. Campinas, SP: Papirus, 2015.

ORIÁ, R. Memória e ensino de História. In: BETTENCOURT, Circe (Org.). **O Saber Histórico na sala de aula**. 11ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SASS, Carla. "Se é pra ser, que seja a melhor": A cultura letrada de professoras alfabetizadoras In: GOULART, Cecília M. A. SOUZA, Marta Lima. (Orgs). **Como alfabetizar?** Na roda com professores dos anos iniciais. Campinas, SP: Papirus, 2015.

SEFFNER, Fernando. Leitura e escrita na história. In: ____ **Ler e escrever**: um compromisso de todas as áreas. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2006. p. 107- 120.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita**: a alfabetização como processo discursivo. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

TONUCCI, Francesco. **Quando as Crianças Dizem**: Agora Chega! Tradução. Alba Olmi. Porto Alegre: Artmed. 2005.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Avaliação**: concepção dialética - libertadora do processo de avaliação escolar. São Paulo: Libertad, 1995.

ZABALA, Antoni. **A Prática educativa**: Como Ensinar. São Paulo: Artmed, 1995.



Claudileude de Jesus Silva

Possui graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, Especialização em Gênero e Diversidade na Escola pela Universidade Federal do Maranhão e Especialização em Gestão, Orientação e Supervisão Escolar pela CAPEM. Mestranda em Gestão de Ensino da Educação Básica-PPGEEB/UFMA.

Tem experiência na área de Educação, atuando nas áreas de educação infantil, ensino fundamental e estágio supervisionado no ensino superior. Integrante do Grupo de Pesquisa: Ensino da Leitura e da Escrita como Processos Dialógicos - GLEPDIAL/UFMA; e do Grupo de Estudo sobre a Perspectiva da Escola de Vygotsky aplicada à Educação Infantil - GEPEVI/UFMA. Atua como Formadora e Coordenadora Pedagógica da Rede Comunitária de Ensino de São Luís-Ma, desenvolve atividade de Sistematização na Rede de Bibliotecas Comunitárias "Ilha Literária" e Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias-RNBC.